

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/1000>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2023 by Associação de Leitura do Brasil - ALB. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# As imagens que ardem aos nossos olhos quando a morte senta-se à mesa das nossas memórias

The images that sting our eyes when death sits at the table of our memories

Las imágenes que arden en nuestros ojos cuando la muerte se sienta en la mesa de nuestros recuerdos

---

JULIA SILVA PEREIRA<sup>1</sup>

ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE AMORIM<sup>2</sup>

**RESUMO:** Quando as imagens nos transpassam, somos levados a diversos movimentos de significações e ressignificações, efeitos das pedagogias do olhar. Este trabalho indaga sobre as potências das imagens perante os processos de subjetivações em uma vivência de luto. Analisando a adaptação cinematográfica de Mathias Bruhn do livro *O Pato, a Morte e a Tulipa* de Wolf Erlbruch, busca-se trilhar caminhos entrelaçados pelos estudos culturais e o cinema, para pensar uma educação para a morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto; cinema; cultura.

**ABSTRACT:** When images permeate us, we are led to different movements of meanings and resignifications, effects of pedagogies of looking. This work inquiries about the powers of images in the face of subjectivation processes in an experience of mourning. Analyzing Mathias Bruhn's film adaptation of the book *The Duck, Death and the Tulip* by Wolf Erlbruch, we seek to follow paths intertwined between cultural studies and cinema, to think about an education for death.

**KEYWORDS:** Mourning; cinema; culture.

1. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

**RESUMEN:** Cuando las imágenes nos impregnan, somos conducidos a diferentes movimientos de significados y resignificaciones, efectos de pedagogías de la mirada. Este trabajo indaga sobre los poderes de las imágenes frente a los procesos de subjetivación en una experiencia de duelo. Analizando la adaptación cinematográfica de Mathias Bruhn del libro *El pato, la muerte y el tulipán* de Wolf Erlbruch, buscamos seguir caminos entrelazados entre los estudios culturales y el cine, para pensar una educación para la muerte.

**PALABRAS CLAVE:** Duelo; cine; cultura.

### O PATO, A MORTE E A TULIPA

Com o título original “Ente, Tod und Tulpe”, o livro escrito e ilustrado por Wolf Erlbruch foi lançado em 2007 na Alemanha, pela editora Antje Kunstmann, e em 2009 no Brasil, pela editora Cosac & Naify. Em 2010, Matthias Bruhn adaptou a obra e produziu um filme de animação de 11 minutos.

Diferente das produções contemporâneas, que retratam a morte de um ente querido, Wolf Erlbruch explora a morte do personagem principal, um pato. “Embora o autor utilize um animal como personagem, em sua narrativa, o uso desse recurso não produz eufemismo e tampouco o abrandamento da temática” (Kirchhoff; Silveira, 2018, p. 4.). Faria (1999) afirma que o animal antropomorfizado abre espaço para uma representação de uma humanidade abstrata, aproximando-se assim de emoções e ações fundamentais, permitindo também um distanciamento, o que gera uma liberdade aos autores no momento de produção da obra.

Em relação à Morte, Erlbruch, mesmo mantendo uma estética mais óbvia de um esqueleto, traz a personagem de uma forma mais humanizada e cheia de afetos, desconstruindo diversos significados comuns que há sobre ela. Outro detalhe sutil, porém, escandaloso é que ao invés de uma foice amedrontadora, a morte aparece segurando um objeto singelo, natural e delicado: uma tulipa.

Após essa apresentação inicial da obra, se faz necessário manifestar que o que aqui se segue não é uma interpretação que finda as significações do curta-metragem *O Pato, a Morte e a Tulipa*, ainda que inicialmente esse processo buscasse todos os significados, levantando questionamentos sobre o esgotamento de todos os sentidos, ansiando por encontrar um fim e conseguir fazer aquela análise de tirar o fôlego, de tão completa. Mas, no decorrer da pesquisa, nos deparamos com a potência da imagem, encontrando sua irredutibilidade e sua inesgotabilidade. Seria por incompetência de um modo de olhar? Talvez seja por causa da resistência da própria imagem, esta que

se desdobra naquilo que dizem sobre ela, encontrando-se sempre em novas possibilidades e novos dizeres, mas nunca daremos fim às suas significações e interpretações a ponto de a compreendermos por completo (Marcello, 2008).

Procedendo desse pensamento, entende-se que a potência da imagem não se dá nela por si só, mas sim através das inúmeras significações que a mesma transpassa, produz, reproduz, incentiva e nos atravessa. Sendo assim, iniciamos aqui a apresentação de algumas das significações que foram geradas, com um olhar que nos possibilitou diversas formas de compreensão das imagens, pois “olhar para a montagem pode possibilitar formas de compreensão variadas e diferenciadas, faz-se nascer dessa forma uma pedagogia do olhar, que é constantemente confrontada ou acordada levando em consideração os referenciais teóricos adotados” (Paulino; Pimenta; Diniz, 2019, p. 389).



Fonte: Fotograma 1



Fonte: Fotograma 2

O curta inicia-se apresentando os personagens em frames diferentes, nos levando a nos deparar, em um primeiro momento, com o Pato e a Morte separadamente. Porém, mesmo separados, eles estão na mesma cena inicial, esta que é composta por um fundo amarelado, uma cor que nos acompanhará na maioria das cenas. As cores possuem diversas significações simbólicas, sem que haja uma universalidade em seus sentidos, pois elas possuem múltiplas possibilidades sensíveis. Antonioni (1947, apud Martin, 2005, p. 87) enuncia que “a cor é uma relação entre o objeto e o estado psicológico do observador, no sentido em que ambos se sugestionam reciprocamente”; isto é, nós somos influenciados pelas cores, mas também influenciemos os seus significados.

Algumas significações do amarelo vêm à tona quando nos deparamos com ele, como a alegria, o calor, verão, criatividade entre outras; porém, quando trazemos para o campo subjetivo, passamos a encará-lo de formas diferentes. Por exemplo, somos atravessados pelo presente, com uma tranquilidade e uma sensação de repouso.

Portanto, assim que o curta metragem começa, múltiplas sensações e sentidos nos chamam além da imagem e na sua constituição material.



*Fonte: Fotograma 3*



*Fonte: Fotograma 4*

O Pato e a Morte se encontram pela primeira vez em um cenário composto de árvores pomposas, cheias de folhas, talvez o ápice da primavera, e, antes desse encontro, o narrador expõe um incômodo do personagem: “Já fazia tempo que o Pato tinha uma sensação”. Sensação de estar acompanhado, sendo seguido e observado. Após esse encontro inicial, somos levados, junto com o Pato, por um caminho de descobertas das facetas da vida e da morte.

A morte se apresenta para nós e para o Pato, com formas muito familiares, seus trajés, suas posturas e movimentos agradáveis nos aproximam mais ao que ela tem a dizer e traz a nós um sentimento de curiosidade, mas não de pavor e um medo que nos paralisa. Tanto é que o Pato só se assusta quando ela diz: eu sou a Morte.



*Fonte: Fotograma 5*

Instantaneamente, assim que ela se apresenta, é dado um close na expressão do Pato. Essa técnica busca levar o espectador a uma identificação com o

personagem em destaque. Assim que há essa aproximação com a realidade que está sendo posta, também somos levados a um questionamento: Qual seria a nossa reação ao nos depararmos com a morte? A vida tem transbordado em nós de formas singulares e subjetivas, como por meio daquela risada sincera, uma água geladinha em dia quente, uma música preferida tocando no mercado. Percebemos o mundo e vivemos de uma forma subjetiva e na maioria das vezes não conseguimos enquadrar nossas significações em teorias.

Partindo desse preceito, nos encontramos com a fenomenologia existencial, que se desenvolve em um método filosófico e não uma teoria. Garnica (1997) aponta a necessidade de um movimento de “suspensão” em relação a um fenômeno, sendo preciso um afastamento da lógica explicativa, uma busca em descrever e compreender a experiência que foi vivida.

Ao nos afastarmos dessa lógica, o significar acontecimentos da nossa existência é feito de uma forma singular e passamos a dar os nossos sentidos a coisas que antes pareciam ter apenas um único sentido. As perguntas que o Pato faz nos levam a mais um nível de identificação: Chegou a nossa hora? Você vai nos levar? As respostas da Morte traduzem o seu significado primordial, o de estar sempre atrelada à vida.

Após os cumprimentos, nas cenas seguintes, um outro elemento entra em cena nas mãos da Morte, uma tulipa. O Pato se interessa pela flor, se achega e observa-a ao lado da Morte. Esta flor é uma das primeiras a nascer na primavera, bem no comecinho da estação, anunciando a chegada de demais flores, frutos e cores. O começo de algo belo se inicia com a chegada da Tulipa, assim como os momentos que o Pato e a Morte passam a compartilhar.



Fonte: Fotograma 5

Esse primeiro contato se deu com uma conversa, uma conversa simples e sem movimentos de negação. Se nesse contato inicial tivesse ocorrido “ignorar da existência do fim da vida”, o caminho que eles trilhariam juntos seria diferente; principiando nesse pensamento, iniciou-se ali um processo de tomada de consciência de finitude.

No decorrer das cenas, o Pato traz vários questionamentos que o cercam sobre o morrer. O ponto principal das respostas da Morte não se dá em responder o que ocorre após o fim, mas sim em trazer a inevitabilidade dessa questão. Entre perguntas e respostas, a Morte passa a acompanhar as aventuras do Pato nos seus dias finais. Em uma dessas aventuras, o Pato a convida para tomar um banho no rio.



*Fonte: Fotograma 7*



*Fonte: Fotograma 8*

O frio do rio não agradou a Morte. Então, assim que saíram, o Pato se dispõe a abraçá-la, para assim, aquecê-la. Abraçar a Morte torna-se o momento em que o Pato passou a entendê-la como parte da sua existência, vendo-a de uma maneira diferente do que antes. Pois ela não se impôs de forma abrupta e do nada. Mas e se assim ela tivesse feito? E se ela roubasse de uma vez só tudo aquilo que o Pato entende por vida? E se o contexto à sua volta trouxesse a Morte totalmente como uma vilã? Como teriam sido essa relação e esses momentos?

Passamos a refletir acerca do contexto em que a morte e o luto se inserem e passam a ser protagonistas. Allouch (2004, p. 347) expõe para os seus leitores a ideia de que “quanto menos tiver vivido, segundo o enlutado, aquele que acaba de morrer, mais sua vida terá, a seus olhos, permanecido uma vida em potencial” e, portanto, “mais assustador será seu luto”. Esse menos vivido pode ser de idade, mas também de experiências, de um viver compartilhado que foram quebrados e roubados: “[...] ao colocarmos em questão o processo da morte do outro e do luto, não tratamos da perda de um ente querido apenas, mas da perda de um mundo compartilhado, de forma irrevogável” (Freitas, 2018, p. 52).

Dependendo em que momento e como esse tema atravessa nosso cotidiano, são diferentes as significações geradas. No contexto do curta metragem, o Pato estava se deparando com o seu próprio fim e, quando em cima de uma árvore se depara com o lago, onde passou muitos momentos de sua vida, ele o vê com pesar e tristeza.



Fonte: Fotograma 9



Fonte: Fotograma 10

É bem marcante esse momento em que a solidão do lago, sem a existência do personagem, preenche a cena por completo. O Pato começa a perceber que mesmo quando não permanecer, o lago continuará lá, mas não continuará para ele. Allouch (2004) elabora que o trabalho de luto se dá em um “sacrifício de um pedaço de si” e esse pedaço é gerado por essa separação. Nessa situação, o Pato estava se colocando em um lugar de perda, percebendo como o lago sentirá o seu fim. Esse movimento traz à tona um buraco no real, exigindo uma significação simbólica; como a Morte estava ao seu lado, o Pato passa a questionar algumas coisas para ela, que lhe responde de forma clara e direta: “o lago não estará mais lá, pelo menos não para você”.



Fonte: Fotograma 11



Fonte: Fotograma 12

As cenas que se seguem já não são mais de perseguição, mas sim de parceria e companheirismo. A expressão do Pato passa a ser de serenidade, paz e não de medo,



susto e aflição. Estar ao lado da Morte não é mais um pesar. Porém, em contrapartida, diferente do Pato, a Morte, com as expressões que nos são apresentadas, passa uma sensação de tristeza e melancolia nas cenas que se seguem.



*Fonte: Fotograma 13*



*Fonte: Fotograma 14*

O cenário já é outro e o passar das estações nos leva a concluir que havia transcorrido o tempo, as folhas caíram e o momento chegou. O Pato começa a sentir frio e a Morte oferece um abraço que esquenta e conforta; foi o abraço que trouxe o fim? O abraço significou um encontro final com tudo aquilo que foi experimentado, um frio gelado do rio amado, a vista bonita em cima da árvore, o caminhar pela floresta que fez parte das aventuras preferidas; aquele abraço não foi o ponto final, mas o encontro com tudo aquilo que foi vivido.



*Fonte: Fotograma 15*



*Fonte: Fotograma 16*

A preocupação que o Pato tinha sobre a solidão do rio, pois não mais o visitaria, nós espectadores passamos a ter em relação à Morte; ela continuou ali, mas ele não, seu semblante caído, olhos direcionados ao amigo e a Tulipa aparecendo novamente, não mais na mão da morte, mas no chão, ao lado do Pato.



Fonte: Fotograma 17



Fonte: Fotograma 18

Os quadros que dão continuidade à cena são diferentes de todos já apresentados, com fundo azul escuro, preenchimento do silêncio por uma música, que já havia aparecido antes, mas dessa vez de uma maneira mais intensa e somente ela. Migliorin (2015) destaca que o ver e o ouvir fazem parte de acontecimentos do nosso mundo, sendo assim, necessariamente algo que nos faz pensar. O uso da trilha sonora mais intensa e envolvente nessa cena nos faz mergulhar e refletir sobre ela, partindo de uma perspectiva outra, que nos move a trazermos aquilo que vemos para o “nosso mundo”.



Fonte: Fotograma 19



Fonte: Fotograma 20

Após a cena da morte do Pato, os quadros continuam a ter um fundo azulado, não mais amarelado. Rouben Mamoulian, um cineasta armênio, explica que o uso das cores faz obter um realismo emocional, o que permite aos cineastas usufruírem da sua criatividade, se perguntando “é essa a melhor maneira de expressar o que eu desejo?”. Sergei Eisenstein, cineasta soviético, traz a cor como um elemento técnico da montagem e que deve exercer uma função dentro da estrutura narrativa. Sendo assim, a mudança de tonalidade ao fundo da cena também expressa, de uma outra forma, tudo o que vem sendo contado.

O pintor Israel Pedrosa caracteriza o azul como a “mais profunda das cores, o olhar a penetra, sem encontrar obstáculo e se perde no infinito. É a própria cor do infinito e dos mistérios da alma” (Pedrosa, 2013, p. 126). O momento em que o azul foi escolhido no curta metragem nos leva a atravessar diversas significações que nos tocam e nos afetam. A Morte coloca o Pato no rio e observa-o partindo, parada ali e encarando a inevitabilidade do fim. A sequência de cenas termina com o Pato tão distante, no fluxo do rio, que parece que ele sumiu. O curta não termina apenas com a música de fundo, o narrador retorna encerrando a cena, desvendando o sentimento da Morte: “Por um bom tempo, a Morte observou o Pato ... Quando perdeu o Pato de vista, por pouco a morte não ficou triste ... , mas assim era a vida”.

Assim que finalizam os créditos do filme, a Morte reaparece com uma Tulipa na mão, e isso nos leva a pensar sobre o ciclo da vida, a inevitabilidade da morte – e esta enquanto um evento que se repete em outros contextos e histórias. A finitude da vida não se associa com a finitude da morte, o final do curta nos traz essa sensação de continuidade do morrer, traz a sua universalidade.



*Fonte: Fotograma 21*

### UM CINEMA QUE SUBJETIVA O LUTO<sup>3</sup>

Interessa-nos, nesta seção do artigo, abordar algumas conversações com as pedagogias das imagens cinematográficas.

O que é o cinema? Uma reprodução dos movimentos da vida? Um meio unicamente de entretenimento? Um passatempo? Tudo isso ou nada disso? Jean-Claude Bernardet, teórico de cinema, crítico cinematográfico, cineasta e escritor, define o

3. Este artigo é parte de uma pesquisa de graduação, que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Unicamp.

cinema como “a arte do real”, uma arte que possui um movimento ilusório, pois a imagem que vemos, em si só, é imóvel. Percebemos esse fato no momento em que nos debruçamos na trajetória que foi trilhada na criação do cinema. Tudo se iniciou com um desejo: captar o movimento.

Bernardet (2001) afirma que o sucesso do cinema se deu pela forma como cria uma ilusão da verdade, uma impressão da realidade foi posta na tela. Essa ilusão do real cativou o público e por um período foi interpretada enquanto um “olho mecânico” cheio de objetividade e sem intervenção humana, um pedaço da realidade e pronto. Mas na verdade o cinema não só seria “a reprodução da realidade, seria também a reprodução da própria visão do homem” (Ibidem, p. 7), visão essa que é profunda e cheia de subjetividade, sendo o cinema visto então como uma arte que está inserida em um campo de significações em luta.

O desenho de animação *O Pato, a Morte e a Tulipa* pode ser dimensionado na perspectiva cinematográfica da relação entre subjetividade e a disputa de sentidos. É nítido como o desenho propõe representar a morte como uma companheira terna e amiga, com quem podemos fazer lembranças de aspectos marcantes da nossa vida, os lugares de que gostamos, as sensações corpóreas que nos constituem, os sentimentos e moralidades que nos atravessam cotidianamente. A disputa ou luta de significações mais poderosa no filme é quanto à solidão do momento da morte, o esquecimento da vida que ainda pulsa nos corpos dos sujeitos, e o luto que é vivido também pelo ambiente, pelas coisas, pelo vento, pelas árvores, no lago e no que poderíamos indicar como um plano sensível comum à existência.

Ao considerarmos as imagens como produtoras de significados, nos permitimos explorar um outro modo de fazer pesquisa em educação. Migliorin e Barroso (2016) enunciam a forma como o cinema inventa uma pedagogia. Este que não é um aparelho transmissor, mas sim um aparelho possibilitador de descobertas, dúvidas e ideias, pois “uma pedagogia do cinema, antes de estar relacionada a certos conteúdos, se constitui como forma de conhecer e compartilhar conhecimento” (Migliorin; Barroso, 2016. p. 16-17).

Compreendemos que o cinema, enquanto uma pedagogia cultural, não só apresenta, como produz conhecimento ainda mais quando compreendemos as imagens enquanto algo manipulável, flexível e fluido, e não estático e pronto, porque passamos a entender os meandros que cerceiam as produções audiovisuais (Paulilo; Pimenta; Diniz, 2019); ou seja, existem pedagogias do cinema. Esses meandros

levam os telespectadores a participarem do processo de elaboração da representação do real que a imagem traz (Migliorin; Barroso, 2016).

Outra questão importante é o uso de objetos mediadores, que ajudem a criança em seus processos de elaboração do que ela vive. Por isso os filmes e a literatura facilitam o diálogo entre adultos e crianças, pois são espaços que impulsionam um meio diferente de lidar com a realidade e um outro processo de significação. Nessa relação, é necessário um mergulhar no mundo imaginativo da criança, para assim estar junto a ela em seus sentimentos (Vendruscolo, 2005).

Entende-se que o que nos é apresentado “não é uma realidade fechada em si, mas a proposição de um mundo cuja significação flutua ao sabor dos nossos olhos” (Almeida, 2017, p. 13) e que a relação com a realidade apresentada nas cenas de uma produção cinematográfica “nunca é a realidade em si, mas uma brecha a ser preenchida pelas percepções e vivências do telespectador.” (p. 16).

Ora, é nesse fluxo de significações dos nossos olhos, que as imagens e sons da animação *O Pato, a Morte e a Tulipa* constroem possíveis realidades a serem percebidas pelos sujeitos, estudantes e professores, por exemplo. Provocando com que dimensões parciais ou totais das narrativas poderíamos nos sentir mais ou menos representados ou mesmo sem identificação.

Freitas (2018) apresenta que as reações frente ao luto estão totalmente atreladas a uma perda de um viver compartilhado, um esvaziamento do que era conhecido, finda-se a corporeidade de alguém, sendo assim não apenas uma perda de um ente querido, mas sim uma perda irrevogável de um “nós” que tinha uma vivência uma temporalidade e uma espacialidade.

Analisar o curta de animação nos ajudou a ter olhares atravessados por essas discussões, o que aprofundou significações e sentidos gerados em cada cena. Por exemplo, na relação com o Pato e a solidão do rio, foi como esse viver compartilhado tivesse sido quebrado; no momento em que a Morte se depara com a finitude do Pato, aparecendo em cena alguns ritos simbólicos (tais como, colocá-lo no rio e observar a sua ida, seu sepultamento), são elementos que mediam essa ruptura no real.

#### É POSSÍVEL UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE?

Quando a primeira autora deste texto estava no terceiro ano do ensino fundamental, viveu uma situação de perda de um colega querido da turma ao lado. Nos momentos de recreio, as turmas sempre se juntavam e se divertiam. Mas, de uma

forma inesperada, ela se recorda de uma professora entrando na sala com um ursinho de pelúcia do Mateus, olhos abundantes de lágrimas, dizendo: “Mateus foi embora para muito longe, mas deixou isso aqui para nós”. Instantaneamente, assustados com a notícia, passamos a questionar, conversamos rapidamente sobre o assunto e entendemos que ele havia falecido, que não estaria mais nas nossas brincadeiras e na hora do recreio; mas não há lembranças de mais nenhum momento em que as professoras conversaram sobre a perda coletiva. Elas fizeram tudo o que podiam naquele momento, não esperavam que a morte se sentasse em uma carteira e passasse um tempo com a gente naquele ano. Enquanto se pesquisava sobre o tema, memórias sobre esse acontecimento vinham à mente de uma forma bem singela; memórias, que estavam fadadas ao esquecimento, foram se fazendo presentes nos pensamentos, a turma tinha um contato não tão próximo com esse colega, mas os recreios sempre preenchidos com a sua presença foram esquecidos de uma forma muito rápida e fugaz, aqueles momentos compartilhados pareciam nunca ter existido. A morte passou sim pela nossa infância, mas ela logo foi mandada embora, sem mais nem menos.

Entende-se, por essa vivência, que, quando ela chega escancaradamente no ambiente escolar, não deveria ser ignorada e deixada de lado, mas sim promover abertura e espaço para que uma conversa aconteça.

No material analisado e que abre este artigo, foi a própria morte que abriu esse espaço aos personagens principais, mas, em contraponto, para nós naquele ano, não foi ela que nos confortou, mas sim nos convocou a diversas abstrações e significações do sentido da vida e da morte. Então, o que seria necessário se fazer nesses momentos vulneráveis da docência? Não queremos aqui trazer um passo a passo, ou uma receita ideal de “como tratar o tema morte e luto com crianças”, mas sim enunciar alguns pontos-chave que permearam essa pesquisa.

Entendemos que o primordial dessa questão é explicar, conversar e esclarecer; isso não acaba com a dor de uma perda, mas possibilita uma busca de um ponto de refúgio, alguém que traz para a criança segurança e indica que há a abertura de um espaço para essas discussões (Andrews; Marotta, 2005; Kovács, 2002; 2016). É evidente aqui a potência que um compartilhar possui, pois nos leva a reflexões, significações e ressignificações do viver.

A oportunidade de expressão dos sentimentos pelas crianças em um espaço acolhedor, afável, partilhado e diversificado, permite uma aproximação maior de suas experiências de vida com a morte de uma pessoa próxima (Vendruscolo, 2005). Dessa forma, esse

espaço, que estabelece diálogos para além da experiência individual, corrobora para um processo de subjetivação do ser humano, tudo isso por meio da cultura.

Como já mencionado, segundo Hall (1997), o conceito de cultura é amplamente diversificado, isso quer dizer que a cultura abrange desde práticas sociais rotineiras próprias dos sujeitos, costumes, manifestações artísticas e religiosas de um povo a ações exercidas por corporações e instituições (Wortmann e Veiga-Neto, 2001). Trazendo à tona a pluralidade da questão, na perspectiva dos estudos culturais, os processos de subjetivação acontecem culturalmente, então é por meio da cultura que nos constituímos enquanto sujeitos, o que nos leva a todo momento a diferentes visões e distintos modos de vivermos neste mundo. Nós, enquanto sujeitos, estamos o tempo todo nos fazendo e nos constituindo, nossas práticas e relações sociais instituem nossos modos de ser, entender, nomear, decifrar e traduzir o mundo e nós mesmos (Bernardes e Guareschi, 2004).

Porém, no meio de todos esses processos, há também os jogos de poder, em que alguns conceitos culturais exercem um poder em uma luta por hegemonia com as demais representações; em uma perspectiva foucaultiana, há um esclarecimento de como todo esse poder é exercido sem a percepção dos sujeitos, pois “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 1997, p. 8).

O processo discursivo, que por sua vez, de acordo com estudos culturais, é uma virada conceitual, em que a linguagem passa a ser vista para além de sua neutralidade, como aquilo que projeta significações, o discurso, como o da morte, então “refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento” (Hall, 1997, p. 29). Por esse modo, compreende-se que a cultura só se torna possível na linguagem e pela linguagem (Bernardes e Guareschi, 2004). Nessa perspectiva, há uma articulação entre os conceitos de cultura, discurso e poder, pois a cultura, em sua pluralidade, é enunciada e apresentada por um discurso que está inserido em diversas relações de poder. Nesse contexto, justificam-se as escolhas dos materiais para esta pesquisa, cujas relações com a cultura evidenciam-se na e pela linguagem. E, além disso, são materiais que dialogam com a cultura e as linguagens mais presentes nas escolas e nos processos pedagógicos, tais como o da leitura de mundo.

Através dessas enunciações acerca da cultura, do poder e do discurso, procuramos trazer à tona que, enquanto sujeitos da cultura e responsáveis por processos culturais institucionalizados, nós, professoras e professores, necessitamos de um certo cuidado, atenção e zelo ao mediar todos os momentos de trocas e diálogos em sala de aula.

Em *O Pato, a Morte e a Tulipa*, nos são apresentados diversos momentos em que a Morte permite o protagonismo desse espaço de troca em sua relação com o Pato, como no primeiro encontro entre os personagens e quando o Pato se depara com a sua finitude ao encarar o rio sozinho. Esses movimentos, permitiram ao personagem principal conversar sobre o que estava acontecendo, tomar consciência dos seus conceitos, ideias e saberes, mas também, respeitosamente, ter um outro olhar para outras subjetivações.

Os mesmos acontecimentos do existir do adulto também atravessam a expressão do ser criança, ainda mais a morte com sua universalidade, por essa razão precisamos compreender que o silêncio em resposta à morte, traduz, entre tantas significações, como o impasse que é para o próprio adulto enfrentar a perda, uma negação frente à capacidade de as crianças compreenderem e viverem os sentimentos que uma morte gera em nosso ser. Subestimar tal habilidade humana nos pequeninos pode ser uma resposta, um indicativo, para eles, de que o que se sente internamente não deve ser compartilhado e levantado como questionamento e dúvida. Por isso é necessário partir de uma perspectiva que compreende a criança enquanto um ser-no-mundo, em que sua corporeidade, suas questões, dificuldades, alegrias e tristezas também são constituídas nele (Mesquita, p. 22, 2022).

Os próprios dizeres das crianças podem exercer um papel de facilitador de diálogo, permitindo um processo intersubjetivo, em que há uma base recíproca entre as subjetividades do adulto para com as das crianças, proporcionando uma troca rica e potente (Salvagni *et al.*, 2013).

Portanto, compreender o papel que o silêncio tem perante o luto; perceber a necessidade de tomar como ponto de partida e acreditar ética e sensivelmente que as crianças também estão sujeitas a diversos atravessamentos e há uma potência em suas significações; abordar com as crianças as diferentes dimensões de morrer; priorizar, pedagogicamente, a influência e o papel das professoras e professores como mediadores de subjetivações em um espaço compartilhado no qual a intersubjetivação ocorra.

Tudo isso faz parte de uma perspectiva outra do agir do educador perante uma situação de morte, somando-se ao fortalecimento das crianças para perceberem e viverem o luto.



## REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. **A erótica do luto no tempo da morte seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- ALMEIDA, Rogério. de. CINEMA E EDUCAÇÃO: fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista**. 2017, v. 33, e153836. Epub 24-Mar-2017
- ANDREWS, Catherine.; MAROTTA, Sylvia. Spirituality and coping among grieving children: a preliminary study. **Counseling and Values**, v. 50 (1), p. 38-50, oct. 2005.
- BERNARDES, Ana e GUARESCHI, Neuza. A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In: Strey, Marlene; Cabeda, Sonia e Prehn, Dario (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. 1. ed. São Paulo: Livraria Brasiliense Editora S. A. 1980.
- EISENSTEIN, Sergei Colour film. In: NICHOLS, Bill (Ed.) **Movies and methods**. v. 1. London: University of California Pres, 1976. p. 381-388.
- ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FARIA, M. A. A representação dos animais na literatura infantil: Realismo e fantasia, humor e estilização. 15f. **Instrumento Crítico**, Vilhena, n. 2, p. 33-47, nov. 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 50-57, jan. 2018.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 109-122, ago. 1997.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, jul./dez. 1997, p. 15-46.
- KIRCHOF, Edgard R.; SILVEIRA, Rosa M. H. O pato, a morte e a tulipa – Leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos dos anos iniciais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 57-76, nov./dez. 2018.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Falando de morte com crianças. **Rev. Psico.usp**, n. 2/3, p. 24-27, 2016.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- MAMOULIAN, Rouben. Colour and light in films. **Film Culture**, v. 21, p. 68-79, summer 1960.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. Cinema e educação: da criança que nos convoca à imagem que nos afronta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008.
- MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. 2 ed. Lisboa: Dinalivro, 2005. 333 p.
- MESQUITA, Beatriz Agar. **A importância de falar da morte com crianças e as implicações no processo de luto**: Uma compreensão a partir do filme “Verão 1993”. Orientadora: Maria Thereza de Alencar Lima. 2020. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente Cinema**: educação, política e mafuá. RJ: Beco do Azougue, 2015.
- MIGLIORIN, Cezar; BARROSO, Elianne Ivo. Pedagogias do cinema: montagem. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, v. 44, n. 46, p. 15-28, 2016.

- PAULINO, Alessandro Garcia; PIMENTA, Alan Victor e DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, Cinema e Estudos Culturais** – Revista Eletrônica de Educação, v. 13, n. 2, p. 388-400, maio/ago. 2019.
- PEDROSA, Israel. **Da Cor à Cor Inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda, 1999.
- SALVAGNI, Adelise *et al.* Reflexões acerca a abordagem da morte com crianças. **Psicol. da saúde**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 48-55, jul./dez. 2013.
- VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Rev. Medicina** (Ribeirão Preto Online), v. 38, n. 1, p. 26-33, mar. 2005.
- WORTMANN, Maria. L. C.; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte, Autêntica. 2001.

#### VIDEOGRAFIA

- O PATO, a morte e a tulipa. Direção de Mathias Bruhn. TrickStudio Lutterbeck Westdeutscher Rundfunk (WDR). 2010 (11 min), son, color.

#### SOBRE OS AUTORES

**Julia Silva Pereira**, é formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
*E-mail:* juliaspo4@hotmail.com

**Antonio Carlos Rodrigues de Amorim** é Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq, nível B.  
*E-mail:* acamorim@unicamp.br.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0323-9207>.

*Recebido em 13 de julho de 2022 e aprovado em 14 de junho de 2023.*